

INFÂNCIA: A QUESTÃO DA MEMÓRIA NA AUTOBIOGRAFIA

CHILDHOOD: THE QUESTION OF MEMORY IN AUTOBIOGRAPHY

Joyce Rodrigues Silva Gonçalves
Mestre em Letras
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
(joycerodrigues1984@hotmail.com)

RESUMO: Este trabalho propõe-se fazer uma análise da obra **Infância**, de Graciliano Ramos, a partir do estudo das características do gênero autobiográfico e das narrativas de memórias. A obra selecionada será analisada a partir do viés memorialístico, em que se pretende identificar, ou pelo menos inferir, o que é experiência vivida e o que é representação literária, ou ainda, o complexo recurso que é a ficcionalização partindo de uma experiência vivida. A essência desta discussão é a subjetividade dos acontecimentos relatados, quando o narrador de memórias autodiegéticas se dilui no discurso dito autobiográfico, tomando rumos ficcionais. A experiência de vida, seja da infância ou de momentos críticos da vida adulta, é o cerne da obra de Graciliano, é o auge de suas memórias e muitas vezes também de suas ficções.

Palavras-Chave: Autobiografia; Memória; Ficção-autobiográfica; Infância

ABSTRACT: This study aims at analyzing the masterpiece **Infância**, by Graciliano Ramos, based on the features of autobiographical, and narratives of memories genre. The selected Work will be analyzed from the memorialistic bias, in which it is intended to identify or, at least, to infer, in terms of what it is it is experience and what is literary representation, or even, the complex resource that is the fictionalization, starting from the lived experience. The essence of this discussion is the subjectivity of the events reported, when the narrator of “autodiegéticas” memories, dilutes in the called, autobiographical speech, taking a fictional direction. The experience of life, from childhood or critical moments of adulthood, is the core of the books written by Graciliano. It is the peak of his memories and often of his fictions.

Keywords: Autobiography; Memory; Autobiographical fiction; Childhood

Quando falamos em autobiografia logo pensamos em um relato da vida de um indivíduo. No caso de **Infância**, contudo, nos limitamos ao relato de apenas parte da vida do autor (a infância até os 12 anos de idade).

As narrativas de memórias possuem narradores autodiegéticos, ou seja, narradores cujo foco é ajustado em primeira pessoa, narrando os fatos enquanto protagonistas do enredo. A instância narrativa, nesses casos, coincide com a voz do autor empírico, que por sua vez identifica-se com a autoria indicada nas capas dos livros, como propõe Lejeune em sua teoria da autobiografia:

A autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) pressupõe que haja identidade de nome entre o autor (cujo nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala. Esse é um critério muito simples, que define, além da autobiografia, todos os outros

gêneros da literatura íntima (diário, auto-retrato, auto-ensaio) (LEJEUNE, 2005, p. 24).

Philippe Lejeune, em seu texto *O Pacto Autobiográfico*, define autobiografia da seguinte forma: “Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2005, p. 17).

Quando tratamos a questão da autobiografia logo pensamos que é constituída de forma a transmitir a ilusão de que se está diante de fatos reais e concretos, relatados sem nenhuma espécie de criação ou imaginação, a “ilusão autobiográfica” de que nos fala Miranda (1992). Em *Infância* não há nenhum pacto autobiográfico, mas há evidentemente a relação entre romance e autobiografia, o que nos leva a pensar num Pacto Fantasmático, usando a terminologia de Lejeune. Wander Melo Miranda, em seu texto *A ilusão autobiográfica*, refere-se a essa instância e afirma:

O leitor é convidado a ler romances não apenas como ficções que remetem a uma verdade de natureza humana, mas também como fantasmas reveladores de um indivíduo, onde as duas categorias - autobiografia e romance - não são redutíveis a nenhuma das duas isoladamente, num jogo em que ficção e não-ficção se interpenetram não se restringindo, no conjunto de uma mesma obra, a territórios nitidamente demarcados (MIRANDA, 1992, p. 37).

Em relação à ficção, a autobiografia tem obrigatoriamente que provocar no leitor uma profunda impressão de verossimilhança, de modo que este leia o texto como uma verdadeira descrição, como um fiel retrato escrito, feito pelo próprio autor. Como aquilo que, em pintura, corresponderia ao autorretrato.

Consideremos um pouco mais a imagem do autorretrato; para que um pintor possa elaborar a sua própria representação plástica, é fundamental que se veja ao espelho. No caso, porém, do escritor memorialista, em que direção será necessário esse olhar, que instância lhe poderá refletir a sua imagem? É em direção à infância que olha Graciliano Ramos para construir **Infância**.

Teoricamente, uma narrativa transcrita por um autor que acumula os papéis de narrador e de sujeito de determinados acontecimentos assumidamente não-fictícios, corresponde a uma história verdadeira, reproduzindo uma realidade: sua própria história individual. Contudo, se pensarmos um autor de memórias

enquanto sujeito linguístico que relata suas lembranças deliberadamente coladas à ordem do factual, é perfeitamente possível que se questione a veracidade dessa narrativa. Acontece que, ao transcrever os acontecimentos tais como foram vividos pelo autor real que elabora e transmite a mensagem escrita, um indivíduo real, isto é, de carne e osso, às vezes diz a verdade e outras vezes mente, até, ou, sobretudo, em relação si mesmo.

A autobiografia pode ser ficção quando a consideramos a partir da sua perspectiva de gênero, dado que através dela o autor não pretende reproduzir, mas recriar o seu “eu”. Entretanto, a autobiografia corresponde à realidade no sentido sólido sob o ponto de vista do leitor que faz dela, com maior facilidade do que para qualquer outro texto narrativo, uma leitura intencionalmente dirigida para que seja recebida como uma narrativa de cunho autobiográfico.

O “eu” atento a si próprio e consciente do seu ego não implica necessariamente um ser que escreve fazendo coincidir o ato de viver com o exercício da escrita. É simplesmente impossível, ou melhor, inexecutável na prática (sendo apenas possível na imaginação).

As categorias de tempo e espaço oferecem suporte ao sujeito-escritor, que se transforma em protagonista através da voz do narrador. Os memorialistas se situam em determinado período de seu passado, em lugares específicos que coincidem com esse tempo, e, a partir de então, se põem a registrar/criar suas narrativas mnemônicas, como fez Graciliano.

Publicado em 1945, **Infância** é uma autobiografia de Graciliano Ramos que associa os elementos pessoais aos sociais. Muito do que o autor confessa em suas memórias são problemas que afetaram não só a ele mesmo, mas também o seu meio. Sua dor é também a dor de um povo ou de uma época. No livro **Infância**, as fronteiras entre o tecido ficcional e referencial se misturam na tessitura narrativa, pois o sujeito empírico reorganiza o passado e procura dar-lhe sentido sob uma determinada perspectiva. O passado do menino entre os seus familiares, principalmente no convívio com os pais e os irmãos, surge através das reminiscências, da memória do escritor adulto. Ao descrever a insignificância do homem frente às circunstâncias da vida, o narrador apresenta-nos o primeiro contato da criança com as letras e a forma como ocorreram os episódios, que são como quadros, retratos de pessoas, fatos e lugares.

O primeiro aspecto que chama a atenção é a descrição de Graciliano como uma criança oprimida e humilhada, pois é um ser fraco diante de adultos que são os mais fortes. Este é um dos cernes de sua visão de mundo: a opressão. Quem tem poder, naturalmente massacra, sufoca os mais fracos. A criança é “esmagada” psicologicamente em **Infância**, sofre todos os tipos de maus tratos (também físicos, além de psicológicos). Álvaro Lins, em seu livro *Os mortos de sobrecasaca*, aponta a personalidade desprovida de afetos que possui nosso exímio memorialista:

O Sr. Graciliano Ramos é um anti-sonhador por excelência; e deu à expressão de suas lembranças um caráter de intransigente realismo. Ele não nos revela sequer os seus sonhos de menino, os sonhos que ocupam a maior parte do universo das crianças, e que vão sendo depois esquecidos ou destruídos pela realidade, no contato com os adultos. O que vemos aqui já é essa própria realidade em toda a sua dureza e crueldade. Nenhuma poesia, nenhum sonho, nenhuma fantasia na infância triste e solitária do romancista (LINS, 1963, p. 74).

De fato, o “mestre Graça” carrega as características apontadas por Lins. Todavia, em alguns pontos das memórias de sua infância podemos sentir, sim, certo tom lírico e ao menos alguns rápidos episódios de sonhos de criança. Um exemplo desse lirismo ou no mínimo uma trégua dentre os maus tratos e a repressão é quando o autor descreve D. Maria, sua professora na escola:

D. Maria encerrava uma alma infantil. O mundo dela era o nosso mundo, aí vivia farejando pequenos mistérios nas cartilhas. [...] A escola exigia palmatória, mas não consta que o modesto emblema de autoridade e saber haja trazido lágrimas a alguém. D. Maria nunca o manejou. Nem sequer recorria às ameaças. Quando se aperreava, erguia o dedinho, uma nota desafinada na voz carinhosa - e nós nos alarmávamos. As manifestações de desagrado eram raras e breves. A excelente criatura logo se fatigava da severidade, restabelecia a camaradagem, rascunhava palavras e algarismos, que reproduzíamos (RAMOS, 1984, p. 120-121).

Algumas personalidades retratadas na obra de fato despertam certa atenção e a admiração do autor. Como D. Maria, outros surgem com alguma bagagem positiva e acrescentam à obra um pouco mais de lirismo e um toque romanesco. É o caso do moleque José:

O moleque José, tortuoso, sutil, falava demais, ria constantemente, suave e persuasivo, tentando harmonizar-se com todas as criaturas. [...] Nunca o vi chorar. Gemia, guinchava, pedia, soluçava infinitas promessas, e os olhos permaneciam enxutos e duros. Enchia-me de

inveja, desejava conter as minhas lágrimas fáceis. Tomava-o por modelo. E, sendo-me difícil copiar-lhe as ações, imitava-lhe a pronúncia, o que me rendia desgosto. Esfriavam-me a ambição de melhorar e instruir-me, forçavam-me a recuperar a fala natural. Haviam obrigado o moleque a tratar-me por senhor, não admitiam que me reconhecesse indigno, me privasse voluntariamente daquele respeito miúdo. José, insensível às minhas desvantagens, perseverava na obediência, modesto, a proteger-me (RAMOS, 1984, p. 83).

A rispidez das relações humanas também se faz presente na estrutura da obra. Como a própria narrativa nos mostra, essa é uma característica familiar. Sua mãe era extremamente ríspida, fria, o que se percebe pelos apelidos com os quais se dirigia a Graciliano Ramos: cabra-cega, devido a uma doença nos olhos que impossibilitou sua visão por algum tempo, e bezerro-encourado, segundo o autor devido ao seu desarranjo, à feiura, ao desengonço.

Outro ponto perturbado na relação familiar é seu pai, que se mostra extremamente autoritário e tirano em muitos momentos. O episódio em que surra o filho por achar que este havia sumido um cinturão (descobre depois que a acusação era falsa) é dos mais dramáticos, como veremos logo adiante. Talvez a esse episódio se iguale apenas o momento em que a esse autoritarismo se mistura o abuso de poder e injustiça em relação ao mendigo Venta-Romba. Discretamente o narrador procura uma justificativa, como os problemas financeiros do pai, mas o estrago na confiança no ser humano já se tornara irreversível.

Faz-se presente na obra a consistência líquida da memória, as incertezas ao narrar a fase da infância. Graciliano já inicia sua narrativa de memórias sugerindo o embaçamento das lembranças através do capítulo Nuvens, em que o significado da palavra evoca a incerteza das recordações:

A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. Ignoro onde o vi, quando o vi, e se uma parte do caso remoto não desaguasse noutro posterior, julgá-lo-ia sonho. Talvez nem me recorde bem do vaso: é possível que a imagem, brilhante e esguia, permaneça por eu ter comunicado a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança de uma alfaia esquisita, mas a reprodução dela, corroborada por indivíduos que lhe fixaram o conteúdo e a forma. De qualquer modo a aparição deve ter sido real (RAMOS, 1984, p. 9).

Ao iniciar sua narrativa de tal forma o autor nos apresenta uma confissão em relação ao teor ficcional de suas memórias, que, entrelaçando realidade e ficção, reconstrói sua vida de menino de modo romanesco e verossímil. O autor, no presente de sua narrativa, “resgata” o menino que ele foi, e, nessa busca do passado, desaparecem os limites do tempo. Valdi Cecília da Silva, em estudo inédito, observa:

Não é possível delimitar parâmetros entre o passado e o presente, a criança e o adulto. Na literatura de memória, os tempos se entrelaçam, as figuras se confundem, se misturam, a criança e o adulto são uma única personagem, representação e expressão da totalidade do ser humano. A memória, ao buscar o passado em Infância, vai retratá-lo pelo crivo da linguagem, em uma presentificação deslocadora, e é exatamente por esse deslocamento que o ficcional se torna a contingência da recordação.

Ainda sobre a questão dos tempos da narrativa, Cláudio Leitão observa em seu livro *Líquido e Incerto, memória e exílio em Graciliano Ramos*:

Três aspectos fundamentam as lembranças e as estratégias de representação das memórias em Infância [...]. São eles: a hesitação do narrador, o estado líquido do passado e a autonomia do texto escrito. Cada relato, isolado por um título, tem o corte conclusivo e suspensivo dos folhetins distribuídos por entregas. Precisam do suspense que atrai o leitor ao relato seguinte. Os episódios é que nem sempre coincidem com o corpo dos relatos, embora sejam eles os liames da ação unificadora, que oscila entre duas instâncias temporais: a do narrador, escritor e adulto, e a do menino, que se move pela cronologia da formação (LEITÃO, 2003, p. 19).

Prevalece, portanto, o olhar do narrador adulto sobre um “eu”, espécie de “ele”, menino distante, perdido no passado e arrebatado para o presente da narrativa.

Em **Infância** Graciliano Ramos confessa o quão dolorosa foi sua vida de menino, submetido aos maus tratos dos pais, à falta de afeto e à injustiça. A questão da violência é tratada já no início das memórias, no capítulo intitulado *Um Cinturão*, em que o narrador relata a fúria do pai à procura de um cinturão de couro, já colocando a culpa no menino Graciliano e punindo estupidamente a criança por não encontrar o objeto perdido. Depois de encontrá-lo, coberto em sua rispidez e ignorância, nada faz ou diz à criança assustada com os gritos e a surra. Quando

lemos esse capítulo nos compadecemos do menino, sentimos a ira do pai rude e vontade de intervir na estória. Se nos lembramos que se trata de um relato de fato ocorrido, aí nossa indignação se torna mais intensa. O autor desabafa no início desse capítulo:

As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me profunda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento. Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural (RAMOS, 1984, p. 31).

Muitos críticos apontam que esse tipo de violência e ignorância das pessoas que conviviam com o menino Graciliano contribuíram e até influenciaram toda a obra do “velho Graça”. A linguagem seca, enxuta, às vezes áspera, é reflexo de sua própria experiência de vida, detentora das mesmas características.

A seca nordestina nesse período é retratada nitidamente no capítulo Verão, em que Graciliano relata a sede angustiante do menino em um período crítico desse verão. A narrativa é carregada de ânsia, sofrimento e tristeza. Ao lermos essa passagem das memórias de infância de Graciliano podemos aproximar a realidade nordestina então vigente, a seca, e a experiência do autor, que é retomada no registro de suas lembranças. Sentimos, quando lemos este capítulo, a sede que o menino sentiu, e que parece sentir novamente ao narrar a triste experiência:

Um dia faltou água em casa. Tive sede e recomendaram-me paciência. [...] Essa dor esquisita perturbou-me em excesso. [...] De repente, um choque, novos choques, estremecimentos dolorosos. Impossível queixar-me agora. Não me diriam ameaças, abrandavam, e as recusas apareciam quase doces. Na verdade não recusavam. Num minuto haveriam muitos canecos de água. Chorei, embalei-me nas consolações, e os minutos foram pingando vagarosos. A boca enxuta, os beiços gretados, os olhos turvos, queimaduras interiores. Sono, preguiça-e estirei-me num colchão ardente. As pálpebras se alongavam, coriáceas, o líquido obsessivo corria nas vozes que me acalentavam, umedecia-me a pele, esvaía-se de súbito. E em redor os objetos se deformavam, trêmulos. Veio a imobilidade, veio o esquecimento. Não sei quanto durou o suplício (RAMOS, 1984, p. 27-28).

É interessante observarmos nesse excerto uma espécie de mansidão, de quase acalanto. As pessoas rudes e ignorantes se amofinam diante de uma realidade trágica a que estavam submetidos. Neste momento não gritam, não agridem o menino, ao contrário, tentam compensá-lo da dor da sede e da impossibilidade de sanar tal problema.

Neste mesmo capítulo, ao início, o autor confessa a lacunosidade da memória. O primeiro capítulo da obra, denominado Nuvens, já sugere a nebulosidade das lembranças mais tenras. Em Verão o narrador admite: “Desse antigo verão que me alterou a vida restam ligeiros traços apenas. E nem deles posso afirmar que efetivamente me recorde. O hábito me leva a criar um ambiente, imaginar fatos a que atribuo realidade.” (RAMOS, 1984, p. 26). Este é um dos pontos da obra em que encontramos o cerne deste trabalho: a ficcionalização da realidade. Em Ficção e Confissão, Antonio Candido pontua a questão da realidade versus ficção em Infância:

É claro que toda biografia de artista contém maior ou menor dose de romance, pois frequentemente ele não consegue pôr-se em contato com a vida sem recriá-la. Mesmo assim, porém, sentimos sempre um certo esqueleto de realidade ancorando os arrancos da fantasia. [...] Em Infância o esqueleto quase se desfaz, dissolvido pela maneira de narrar, simpática e não objetiva, restando apenas alguns pontos de ossificação para nos chamar à realidade (CANDIDO, 1945, p. 43).

Nas memórias de infância do mestre Graça nos deparamos exatamente com o jogo entre realidade e ficção, com as lembranças envolvidas em imaginação, suposição, dedução e inferências do próprio autor.

Outro excerto que exemplifica a memória dedutiva do autor está inserido no capítulo Uma bebedeira, em que o menino Graciliano faz uma visita com os pais a uma fazenda vizinha e é servido um licor aos convidados. O autor descreve a cena em que a mãe recebe e degusta a bebida:

Minha mãe tocou a linha esquiada dos beijos naquela surpresa que tingia a substância rara, cruzou as mãos, franziu a boca numa tentativa de agradecimento. Com rigor, não me seria possível afirmar que tais gestos se realizaram. Surpreendi-os, contudo, em visitas posteriores e arrisco-me a referi-los (RAMOS, 1984, p.38).

Inúmeras vezes o narrador confessa, portanto, suas dúvidas relativas aos acontecimentos pretéritos relatados na obra. Esse capítulo, por sinal, carrega também certo tom cômico, já que o menino também bebe do licor e se embriaga:

Quem me deu o primeiro cálice de licor foi a morena vistosa, mas não sei quem deu o segundo. Bebi vários, bebi o resto da garrafa. Comportei-me indecentemente, perdi a vergonha, achei-me à vontade, falando muito, desvariando e exigindo licor. Uma das moças trouxe-me um copo de vinho com mel. Minha mãe enferrujou a cara, estirou o braço enérgico, mas naquele momento eu desafiava as oposições. Através de uma neblina, distinguia formas vagas e inconsistentes (RAMOS, 1984, p. 41).

Nesse excerto podemos fazer uma analogia entre a memória e a embriaguez, uma vez que ambas tornam a percepção dos fatos em “formas vagas e inconsistentes”.

Além do episódio da seca intensa, há outro momento em que a figura da mãe, obtusa, rude, agressiva, “enfezada”, torna-se frágil e impotente. Essa passagem está presente no capítulo O fim do mundo, em que a mãe se desespera com a notícia que lê em um folheto; a previsão de um cometa que possivelmente alcançaria a Terra e daria fim ao planeta:

Afinal minha mãe rebentou em soluços altos, num choro desabalado. Agarrou-me, abraçou-me violentamente, molhou-me de lágrimas. Tentei livrar-me das carícias ásperas. Por que não se aquietava, não me deixava em paz? A exaltação diminuiu, o pranto correu manso, estancou, e uma vozinha triste confessou-me, entre longos suspiros, que o mundo ia acabar (RAMOS, 1984, p. 72).

O menino Graciliano, nessa ocasião, por não estar acostumado a carinhos e afetos, estranha e age com repulsa em relação à mãe, que apenas por encontrar-se em desespero é que manifesta esses sentimentos.

No capítulo A Vila Graciliano faz um panorama da vila para onde se mudou com sua família, e aí podemos observar o caráter coletivo do espaço retratado. O autor descreve o cenário, o ambiente físico e também alguns personagens, moradores da vila (Buíque). É feito um apanhado geral sobre as personalidades e seus papéis sociais na vila:

Os maiores do município, governo e oposição, vinham de um grupo de famílias mais ou menos entrelaçadas, poderosas do nordeste: Cavalcantis, Albuquerque, Siqueiras, Tenórios, Aquinos. Padre João Inácio era Albuquerque. O Comendador Badega, parente, de todos os graus, autor de vários filhos naturais, esfarinhado em César Cantu, vestia cassineta esfiapada e ruça, usava chapéu de abas roídas e botas pretas com remendos amarelos (RAMOS, 1984, p. 51).

Ao descrever minuciosamente as personalidades e o lugar onde iria fixar residência, o autor se utiliza de uma visão geral de um “locus” que pertencia não somente a ele, mas a toda uma sociedade local, que também pertencia a esse “lugar de memória”, segundo propõe o historiador francês Pierre Nora.

Concluindo que nos tempos atuais os povos e os grupos sociais dos países, de maneira geral, passaram por uma considerável transformação na relação que havia tradicionalmente com o passado, Pierre Nora afirma que uma das questões mais relevantes da cultura contemporânea concentra-se no entrecruzamento entre o passado - seja ele real ou imaginário - e o sentimento de pertencimento a um determinado grupo; entre a consciência coletiva e a preocupação com a individualidade; entre a memória e a identidade.

Nas memórias de infância de Graciliano Ramos os lugares são extremamente importantes. Para Graciliano, a vila, a escola, a casa na fazenda, a venda do pai e todos os espaços descritos são de grande valia, pois amparam as recordações do narrador. Por pertencerem não apenas a ele, mas a todo um grupo de viventes, tornam-se lugares de memória comprovados historicamente, que de fato existiram e alguns ainda existem.

Todas as pessoas guardam suas lembranças individuais, todavia, elas estão inseridas em um determinado contexto, como componentes de uma sociedade, e é nesse contexto que elas constroem suas lembranças. A memória individual é influenciada pelas diversas memórias que nos cercam. Estas várias memórias são o que denominamos a memória coletiva, o que permite que o indivíduo trace sua própria identidade, como pertencente a um determinado grupo social.

Os capítulos que se intitulam com nomes próprios, de pessoas, ou que fazem referência a alguém, são “retratos” de indivíduos pertencentes ao grupo social a que pertence também o menino Graciliano. Padre João Inácio, O moleque José,

José da Luz, D. Maria, O Barão de Macaubas, Meu avô, Chico Brabo, José Leonardo, Minha irmã natural, Antônio Vale, Adelaide, Fernando, Jerônimo Barreto, Venta-Romba, Mário Venâncio, Seu Ramiro, Laura, e ainda outros, fazem parte da mesma comunidade da criança que é retomada pelo memorialista adulto.

Cabe aqui citar a teoria de Maurice Halbwachs, que com o propósito de estudar a memória coletiva e a memória histórica, tece uma análise distintiva entre essas duas categorias da memória e ainda as divergências entre memória autobiográfica e memória histórica. As reminiscências se subdividem em duas espécies de memórias, das quais o indivíduo participa, adotando atitudes diferentes diante de cada uma. A autobiográfica é ocupada pelas lembranças ligadas à sua personalidade, à sua vida pessoal. A histórica destina-se à sua participação como membro de um grupo que contribui para “evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo” (HALBWACHS, 2004, p. 57).

A memória individual às vezes confunde-se com a coletiva, uma vez que pode apoiar-se sobre ela em situações que precise confirmar algumas de suas lembranças ou dar-lhes precisão, e mesmo para preencher algumas de suas lacunas, como observamos em vários momentos dos relatos de Graciliano Ramos. A memória coletiva abarca as memórias individuais, mas não se confunde com elas.

A fusão dessas memórias tem um cunho prático. Para retomar seu próprio passado, cada indivíduo precisa, frequentemente, buscar apoio nas lembranças dos outros, reportando-se a pontos de referência que existem externamente, fora de seu subjetivismo e que são fixados pela sociedade. O funcionamento da memória individual torna-se inviável sem esses instrumentos, que são as palavras e as ideias que o indivíduo não inventou e que conseguiu como empréstimo de seu meio.

É relevante, portanto, um estudo paralelo dessas duas memórias, já que se completam, dependem de uma coexistência. Durante a vida, o ser humano gerencia uma espécie de arquivo de suas lembranças pessoais, mas também compõe um grupo nacional e entra em contato com certo número de acontecimentos dos quais se esquecerá ou se lembrará, ainda que tenha conhecido esses fatos apenas por intermédio de livros, imprensa ou de depoimentos daqueles que deles participaram diretamente. Esses fatos ocupam um lugar na memória da nação, mas, para a maioria, essas lembranças representam o sentimento de confiança, de

credibilidade que se tem nas lembranças dos outros, já que não foram vivenciados, e por ser a reminiscência do outro a única fonte daquilo que o indivíduo quer repetir. Essa é uma memória “emprestada” que serve ao homem como acúmulo de lembranças históricas. Halbwachs distingue, então, essas duas memórias:

[...] uma interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso (HALBWACHS, 2004, p. 92).

A memória autobiográfica apoia-se, portanto, na memória histórica, uma vez que toda a história de nossa vida faz parte da história em geral. Ao olharmos nosso passado, é natural associarmos os períodos de nossa vida aos acontecimentos nacionais, ao que estava ocorrendo na sociedade naqueles momentos.

É curioso observar como as lembranças históricas construídas na infância são influenciadas pela presença das lembranças das outras pessoas. Nas memórias de Graciliano Ramos observamos a importância das outras personagens, ou do grupo, do meio social, ainda que indiretamente.

Em **Infância** o tempo pretérito é retomado através de nuvens, espectros, rastilhos imprecisos, como observa Raquel Beatriz Guimarães: “A memória do menino é toda obscurecida, as lembranças são fiapos, riscos, borrões [...]”(GUIMARÃES, 2010, p.102). Essas impressões esmaecidas só ganham vida novamente com a imaginação e a memória, em meio também ao esquecimento - o que acaba por romper a “ilusão autobiográfica”, uma vez que há no memorialista um excelente ficcionista. O viés fictício dessa autobiografia pode passar insuspeito para aqueles que acreditam veemente na veracidade das autobiografias. O leitor é conduzido pelo narrador a acreditar nos relatos postos como autobiográficos. Lembrando que em **Infância** há uma ausência do pacto autobiográfico, encontramos brechas na narrativa que possibilitam uma leitura da obra como ficção autobiográfica. Ainda que haja um pacto estabelecido entre autor e leitor, como é o caso de *Memórias do Cárcere*, do mesmo autor, em alguns momentos essas fendas se tornam visíveis para o leitor mais astuto.

A primeira impressão do leitor de **Infância** é a sensação de vertigem. Há nesta “ficção autobiográfica” pontos nebulosos, lugares imprecisos, estremecimentos da memória diante de fragmentos de pessoas e de coisas que, juntos, constituem seu mundo em cacos, incongruente, criado pelo ficcionista-memorialista. O emaranhado de fragmentos sugeridos pela memória é a matéria-prima do relato, que, somada com o hábito do ficcionista de criar ambientes, pessoas e coisas que ultrapassam os limites da suposta veracidade, tornam possível o hibridismo dos gêneros autobiografia e romance.

O processo de aprendizagem de leitura e escrita é um tema muito constante em **Infância**. Graciliano descreve o quão doloroso foi esse processo e a partir daí podemos compreender um pouco mais sobre a técnica e o estilo próprio do escritor em sua obra, de modo geral. A experiência com a leitura é algo extremamente relevante nas memórias do autor e pode ser observada no capítulo Leitura. O contato com as letras não surge na vida do escritor alagoano como um ato prazeroso, mas, sim, como uma “tortura”. O primeiro professor do menino fora o próprio pai, que, como já sabemos, era de temperamento violento e agressivo:

Meu pai não tinha vocação para o ensino, mas quis meter-me o alfabeto na cabeça. Resisti, ele teimou - e o resultado foi um desastre. Cedo revelou impaciência e assustou-me. Atirava rápido meia dúzia de letras, ia jogar solo. À tarde pegava um côvado, levava-me para a sala de visitas - e a lição era tempestuosa. Se não visse o côvado, eu ainda poderia dizer alguma coisa. Vendo-o, calava-me. Um pedaço de madeira, negro, pesado, da largura de quatro dedos (RAMOS, 1984, p.106).

Graciliano descreve minuciosamente o processo ao qual era submetido pela “pedagogia” de seu pai, em que era surrado até ficar com as mãos roxas e inchadas em função do método violento e estúpido, e as letras manchadas no papel com suas próprias lágrimas. Enfim, tamanho ato de crueldade e ignorância que levou o autor de **Infância** a confessar no mesmo capítulo: “As três manchas verticais, úmidas de lágrimas, estiravam-se junto à mão doída, as letras renitentes iriam afligir-me dia e noite, sempre” (RAMOS, 1984, p. 108).

Em alguns outros capítulos da obra podemos observar a questão do aprendizado e da alfabetização, como em Escola, em que Graciliano descreve uma cena de um menino que resistia aos estudos ferozmente, causando inveja em Graciliano, que se submetia facilmente às ordens que eram dadas a ele:

Dias depois, vi chegar um rapazinho seguro por dois homens. Resistia, debatia-se, mordida, agarrava-se à porta e urrava, feroz. Entrou aos arrancos, e se conseguia soltar-se, tentava ganhar a calçada. Foi difícil subjugar o bicho brabo, sentá-lo, imobilizá-lo. O garoto caiu num choro largo. Examinei-o com espanto, desprezo e inveja. Não me seria possível espernear, berrar daquele jeito, exibir força, escoicear, utilizar os dentes, cuspir nas pessoas, espumante e selvagem. Tinham-me domado. Na civilização e na fraqueza, ia para onde me impeliam, muito dócil, muito leve, como os pedaços da carta de A B C, triturados, soltos no ar (RAMOS, 1984, p. 117).

No excerto acima Graciliano confessa uma característica que o acompanhou desde a infância, e que será muito retratada em *Memórias do Cárcere*, que é a passividade, a maleabilidade na forma de agir e reagir diante de situações críticas ou humilhantes. O autor demonstra certo sentimento de inferioridade em vários momentos de suas obras, e, no entanto, sua produção é extremamente rica e bem elaborada. Parece-nos que toda força vital foi transposta para a fortuna literária que Graciliano construiu.

Podemos observar na bibliografia produzida por Graciliano que, através das letras, o autor tenta libertar a sua própria alma angustiada, luta em favor dos excluídos, que são silenciados pelo autoritarismo das instituições sociais, e executa a função de sujeito crítico na sociedade brasileira.

Possivelmente o fato de ter vivenciado uma experiência de certa forma dolorosa por não conseguir compreender os textos de muitos outros escritores em sua infância faz com que Graciliano Ramos produza sua obra literária de forma acessível e que possa facilmente ser compreendido pelos seus leitores. Evidencia, ainda, que a leitura deve produzir prazer no leitor e que a recepção de determinadas obras requer certa maturidade para uma efetiva leitura e compreensão. A questão da fragmentação das recordações é transposta também para o aspecto da aprendizagem da leitura, que se dá de forma igualmente embaraçosa, como considera Raquel Beatriz Guimarães:

Infância pode nos oferecer outros exemplos da leitura como recolhimento de fragmentos. Desde o capítulo “Nuvens”, o que vemos é um sujeito de memória que evoca em neblina, de forma sempre imprecisa, as lembranças que tem. Há pelo menos dois exemplos significativos desse tipo de leitura. Um deles é aquela proferida pela mãe que tentava compor frases no vocabulário obscuro dos folhetos e o outro é a leitura do menino que saía das

crises de oftalmia percebendo pedaços do mundo e cujos olhos vagueavam na página amarelada, molhavam os contos execráveis do Barão de Macaúbas (GUIMARÃES, 2010, p. 103).

Finalmente, o menino Graciliano assimila a duras penas a leitura e se torna um escritor que está em frequente conflito com as palavras. O autor está sempre preocupado com o trabalho da escrita, ao depurar, filtrar, selecionar o que lhe convém e retratar no papel somente o que lhe parece essencial, ainda que, em suas memórias, seja necessário o preenchimento de espaços vazios através da invenção em alguns momentos.

Assim como todo memorialista se utiliza muitas vezes da imaginação para completar as lacunas de suas reminiscências, o autor estudado neste trabalho, enquanto criança, está envolto também de fantasias e criações da imaginação inventiva. Há um episódio de Infância em que Graciliano afirma ter visto “almas de outro mundo”, o que lhe causa medo e constrangimento:

As almas vieram uma noite, quatro ou cinco, estirando-se e acocorando-se à entrada do corredor. Assustei-me, gritei, acordei toda a gente, descrevi as figuras luminosas que se moviam na escuridão, subindo, baixando. Quando subiam, as cabeças delas alcançavam o teto. Fui deitar-me noutro lugar e no dia seguinte obtive uma notoriedade que me envergonhou. Repetiram o fato, acreditaram nele, responsabilizaram-me por minudências de que não me recordava. Podia um ser tão miúdo inventar aquilo? Atordoava-me, queria evitar os exageros, dizer que a minha história não merecia importância, e receava desprestigiá-lo. [...] Assombraram-me à toa. Vinham-me, porém, dúvidas. Afirmaram, desenvolveram o caso estranho - e por fim admiti a visão. Talvez não me houvesse enganado completamente. Não enxergara as claridades que se alongavam e encurtavam, mas devia ter visto qualquer coisa (RAMOS, 1984, p. 58-59).

Percebemos no excerto acima um misto de medo e orgulho. O fato de ter visto alguma coisa estranha concedeu ao menino uma atenção que não era comum, e isso o deixou de certa forma se sentindo alguém importante, digno de ser notado. O autor, no presente da narrativa, admite a dúvida, que houve mesmo no dia seguinte à visão. Não sabia exatamente o que havia visto, mas sabia que vira qualquer coisa. Esse é um exemplo da imprecisão dos fatos, o que é frequente nas narrativas de memória de modo geral.

O episódio das almas é exemplo, ainda, das crendices populares comuns nas cidades do interior e no meio rural. Soma-se a esse relato a existência (na narrativa) do sapo-boi, que amedrontava o autor em sua infância:

[...] o berro do sapo-boi, bicho terrível que morde como cachorro e, se pega um cristão, só o larga quando o sino toca. Foi Rosenda lavadeira quem me explicou isso. Admirável o sino. Como seria o sapo boi? Pelas informações, possuía natureza igual à natureza humana. Esquisito (RAMOS, 1984, p. 61).

Havia ainda orações fortes, como a da cabra preta, que impressionavam o menino Graciliano. Eram narrativas de José Baía que encantavam a criança e transportavam-na para o mundo da imaginação. A oração da cabra preta era uma virtude incrível para quem a possuísse: livrava as pessoas de emboscadas suprimindo os inimigos, emudecendo as armas de fogo, transformava quem a detinha em tocos de madeira, ou ainda, tornava invisível o sujeito. Essas histórias deixavam Graciliano com vontade de possuir tais poderes e viver sua vida da forma que lhe parecesse mais interessante:

Eu desejava conhecer a reza valorosa. [...] defendido pelo feitiço enérgico, lançar-me-ia em contravenções importantes: vagaria nas ruas, invisível, jogando piões invisíveis, empinando papagaios invisíveis. Demorar-me-ia nas esquinas, escutando histórias curiosas, deitar-me-ia nas calçadas, juntar-me-ia aos garotos sujos e turbulentos. Permanecendo isolado, incorporar-me-ia a todos os grupos (RAMOS, 1984, p. 66-67).

As memórias narradas em **Infância** terminam com o desabrochar da adolescência do autor, que, em meio às transformações físicas e psicológicas, se vê de repente estranho, assustado com as mudanças e receoso mesmo de confessar o conflito interior a alguém. As sensações de desejos sexuais eram veladas mesmo por não saber do que se tratava. Graciliano tentava, então, se afastar de tudo que lhe parecesse impuro, até mesmo na literatura a que tinha acesso:

Embrulhara com ódio O Cortiço em muitas dobras de papel grosso, amarrara-o em muitas voltas de barbante forte, escondera-o por detrás dos outros volumes, na prateleira inferior da estante. Apontavam no romance passagens cruas - e a contaminação me horrorizava (RAMOS, 1984, p. 256).

No capítulo Laura o autor descreve sua primeira paixão e suas consequências constrangedoras. Era uma colega da escola a quem muito admirava. Embora o padrão de beleza para o menino Graciliano se limitasse ao que era descrito nos folhetins (moças loiras e pálidas), Laura, morena e com tranças negras, despertava nele uma espécie de amor idealizado, sublime, que ele, Graciliano menino, queria puro, mas que vinha com fortes impulsos carnis em seus sonhos durante a noite. Seus sonhos causavam-lhe repulsa:

Tinha nojo de mim mesmo. Sujo, precisando água e sabão. Mas isso não me limparia, as manchas eram indeléveis. Dormir, esquecer a visão poluída. A noite não acabava, e às vezes a miséria se reproduzia. “Terror, depois lassidão, repugnância” (RAMOS, 1984, p. 257).

A transição da infância para a adolescência de Graciliano Ramos é registrada na obra de forma esteticamente elaborada. É metaforicamente que o autor se liberta do estranhamento de suas novas sensações e aceita a puberdade de forma natural e bem resolvida: “A figura que me perseguia à noite serenou e fugiu. E a outra, nuvem colorida, evaporou-se” (RAMOS, 1984, p. 260).

Álvaro Lins compactua com a mesma visão de muitos críticos de que a obra de Graciliano é um reflexo de suas próprias experiências, acrescidas de um processo criativo ou inventivo. Com base na análise de **Infância** essa teoria se confirma e o crítico pontua:

Ora, as memórias do Sr. Graciliano constituem a expressão realista das suas lembranças; e são ainda mais autênticas e reveladoras nos detalhes que ele, porventura, lhes tenha acrescentado pela imaginação. Para se definir e revelar há ainda que levar em conta o processo, o espírito de escolha do memorialista. Não lhe é possível narrar tudo o que aconteceu durante a infância, nem exprimir todas as impressões e sensações de menino. Muitos episódios estão mortos pelo esquecimento, a muitas lembranças será difícil ressuscitar porque se tornaram confusas e indecifráveis (LINS, 1963, p. 48).

Dessa forma é que se constituem as memórias de infância do “Velho Graça”, como, aliás, em qualquer narrativa memorialística ou autobiográfica; através das lembranças, mas também dos inevitáveis esquecimentos.

Referências

- CANDIDO, A. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. São Paulo: Editora 34, 1999.
- GUIMARÃES, R. B. J. **Rastros da leitura, trilhas da escrita**: um estudo sobre o leitor em Pedro Nava e Graciliano Ramos. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- LEITÃO, C. **Líquido e incerto**: memória e exílio em Graciliano Ramos. Niterói: EdUFF. São João Del-Rei: UFSJ, 2003.
- LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LINS, Á. **Os mortos de sobrecasaca**: obras, autores e problemas da literatura brasileira: ensaios e estudos. 1940-1960. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- MIRANDA, W. M. A Ilusão Autobiográfica. In: **Corpos escritos**: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: EDUSP, 1992.
- MOURÃO, R. **Estruturas**: ensaio sobre o romance de Graciliano. Curitiba: Editora da UFPR, 2003.
- NORA, P. **Les Lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1997.
- RAMOS, G. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- _____. **Memórias do cárcere**. São Paulo: Martins, 1969. 2v.
- SARAMAGO, J. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia das Letras: 2006.